



Foto: Antoninho Perri

Foto: Antoninho Perri



O geógrafo Luis Vilela Filho e o orientador Antonio Carlos Vitte: pesquisa mostra que obras pontuais não bastam

Geógrafo mostra relação da história da urbanização com enchentes em Campinas

Em fevereiro de 2003, Campinas sofreu com uma das piores enchentes de sua história. As avenidas marginais ao córrego Proença – Princesa D'Oeste e José de Souza Campos (Norte-Sul) – ficaram completamente tomadas pelas águas. Foram aproximadamente 104 milímetros de chuva em 40 minutos, o que resultou em graves consequências sócio-ambientais para o município, algumas delas de caráter irreversível. Por que acontece uma calamidade desta proporção numa área densamente urbanizada? A fim de obter respostas para as enchentes naquela região, o geógrafo Luis Ribeiro Vilela Filho realizou pesquisa associando a história da urbanização de Campinas com as características e propriedades do espaço natural da bacia de drenagem do córrego Proença.

Em dissertação de mestrado orientada pelo professor Antonio Carlos Vitte e apresentada no Instituto de Geociências, Vilela Filho conclui que não bastam obras de

engenharia pontuais, havendo a necessidade da implantação de políticas públicas que contemplem ações integradas no aspecto da intervenção da gestão urbana e ambiental. O geógrafo ressalta a importância de considerar as ocorrências que envolvem a circulação hídrica dos canais e as consequências ambientais advindas do tipo de urbanização. “É preciso planejar outro modelo de cidade, com corredores verdes, projetos com concepções modernas de sistemas de drenagem e programa de conservação de cabeceiras. Nesse aspecto, caberiam grandes discussões antes que fosse aprovado o plano diretor da cidade”, defende.

De acordo com Luis Vilela, foi no trecho entre o estádio Brinco de Ouro e o viaduto Lauro Péricles Gonçalves (“Laurão”) que se instalaram os povoados que deram origem à cidade. A partir deste local surgiram as grandes fazendas, que futuramente seriam loteadas para dar início ao processo de expansão urbana. O levantamento sistemático de plantas históricas, leis, decretos, atos e notícias de jornais, nos acervos sob guarda do

Arquivo Histórico da Câmara Municipal, Centro de Memória da Unicamp e Arquivo Municipal de Campinas, o geógrafo identificou aspectos curiosos. Por exemplo, que os proprietários das áreas rurais, em certos casos, eram também donos das companhias locadoras e membros do poder público municipal.

O grande marco do processo de expansão urbana de Campinas, segundo Vilela, foi a crise do café em 1929, quando intensificou-se a transferência de capital do setor rural para o ramo imobiliário e da construção civil. Até aquele período a área urbana era constituída pelo centro e outros subúrbios. “Não havia conexões. Os córregos Oro-simbo Maia, Proença e Piçarrão eram várzeas não ocupadas. O espaço urbano englobava as áreas do topo. Já os fundos de vale não eram habitáveis”, explica. Ocorre, nesta época, um enfraquecimento dos fazendeiros, dando lugar a novos atores políticos na cidade, representados pelas figuras dos profissionais da arquitetura e engenharia.

Transformação – Na década de

1930, a configuração da cidade sofreu uma transformação a partir do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, idealizado por Francisco Prestes Maia. A iniciativa, que previa o início da canalização dos córregos, acabou facilitando o acesso aos fundos de vale e incorporação das várzeas ao espaço urbano. “Antes, o canal do córrego Proença era a limitação para a região leste da cidade. Mas, entre 1940 e 1950, ocorre uma expansão em direção aos fundos de vale e ao leste, com o surgimento de bairros como Nova Campinas, Jardim Proença, Vila Lemos, São Fernando, Jardim Baronesa, entre outros, que começam a se estruturar na década de 1970 – e as primeiras enchentes ganham as páginas dos jornais”, relata.

O primeiro conjunto de obras vem em 1975 e 1976, na gestão do prefeito Lauro Péricles Gonçalves. Entre 1980 e 1990, nas duas gestões de Magalhães Teixeira e na de Jacó Bittar, outros programas de combate a enchentes foram implantados, mas novamente as obras não solucionaram o problema. O projeto mais recente foi anunciado em pelo prefeito Hélio de Oliveira Santos, em janeiro de 2006. As obras estão em andamento, mas Luis Vilela afirma que sua eficácia só será testada na próxima estação das chuvas, de outubro a março, quando os valores pluviométricos para o município atingem as maiores marcas. As análises que realizou sobre o sítio urbano e sua historicidade, diz o geógrafo, podem fornecer subsídios para programas de planejamento e orientar intervenções urbanas.



Jerusa Garcia, no IQ: cultivo de girassóis em vaso e ions metálicos na irrigação

Um aspecto vulnerável dos girassóis

Pesquisa básica realizada no Instituto de Química observou alterações no conjunto de proteínas dos girassóis após a contaminação por ions metálicos. A autora do estudo, Jerusa Simone Garcia, submeteu a planta ao tratamento com elementos como cádmio, cobre, chumbo e zinco, e comparou o seu desenvolvimento com um grupo de plantas usado como controle. Ela quis entender o grau de absorção e o efeito dos ions metálicos no metabolismo do girassol, uma vez que ele é utilizado para descontaminação de áreas – processo denominado fitorremediação – por sua característica de se adaptar em condições adversas. “É um vegetal tolerável e resistente, por isso, consegue extrair ou remover os contaminantes presentes no solo”, explica. Também é fonte de óleo vegetal, enquanto suas folhas e caule servem para alimentação animal.

Segundo Jerusa Garcia, em geral, os estudos sobre o tema concentram-se apenas em observar o efeito estético na planta – se cresceu ou floresceu a partir da absorção dos elementos contaminantes. Apesar disso, no entanto, conseguiu identificar as alterações nas proteínas, mesmo sem diferenças aparentes na fisiologia da planta. Durante 40 dias, ela cultivou os girassóis em vasos individuais, aplicando os elementos metálicos no momento da irrigação. Os resultados constam da tese de doutorado “Avaliação do desenvolvimento de girassol por meio da análise de proteínas e metaloproteínas”, orientada pelo professor Marco Aurélio Zezzi Arruda.

Jerusa observou que o zinco foi o elemento que mais produziu alterações relacionadas às proteínas, apesar de não prejudicar o desenvolvimento da planta em termos de altura e biomassa (raiz, caule e folha). Outras alterações também ocorreram nas plantas contendo simultaneamente todos os elementos, sendo que algumas delas chegaram a morrer. Isso significa que o excesso de elementos contaminantes provoca efeitos adversos no girassol.

O universo das negras e mulatas depois da Abolição

Bonitas e sensuais. Esta imagem das mulatas resultou de projeto pensado, principalmente no auge do teatro de revista na década de 1930, mas elas carregam o estereótipo há muito mais tempo do que se imagina. No período posterior à Abolição dos Escravos, entre 1900 e 1905, já eram denotadas características marcantes no perfil das mulheres negras e pardas, pobres em sua maioria e que habitavam o Rio de Janeiro. A historiadora Silvana Santiago, que pesquisou as ocorrências policiais e processos criminais da época, relacionando ainda a literatura e a música popular, constatou que os estereótipos são os mesmos, mas desenhados de maneira diferente. “Na década de 1920, e mesmo nas anteriores, já se divulgava esses estereótipos. As músicas mostram isso. Uma diferença está na transformação dessas imagens em símbolo nacional, o

Projeto para torná-las um símbolo nacional foi pensado na década de 30

que ocorre só na década de 1930. Isso existia antes, mas era mais confuso e ambíguo”, afirma.

Esses estereótipos são discutidos na dissertação de mestrado “Tal Conceição. Conceição de Tal. Classe, gênero e cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas”, orientada pela professora Maria Clementina Pereira Cunha. Segundo Silvana Santiago, o período estudado apresenta um volume grande de processos contra mulheres negras e pardas entre 20 e 30 anos, por motivo de vadiagem, principalmente depois das reformas urbanas no centro do Rio. São pouquíssimos os casos caracterizados

como de prostituição. Em sua maioria, as mulheres negras e pardas não tinham emprego fixo, eram amasiadas e reforçavam sua posição de independência.

“São processos curtos e simples. No início da pesquisa esperava encontrar informações ligadas à prostituição, pois se trata de um quadro avesso ao modelo desenhado na época. Mas, em geral, os homens é que eram presos por este motivo”, esclarece a pesquisadora. Ela também aborda a questão das arbitrariedades nas prisões, observando-se uma espécie de perseguição a essas mulheres, embora os relatos não deixem claro que se tratava de racismo. Um aspecto curioso, de acordo com Silvana



A historiadora Silvana Santiago: mulheres adotavam o nome Conceição para driblar a polícia

Santiago, foi encontrar na maioria dos casos policiais o nome “Conceição”, que aparece em várias combinações. “Não sabemos se os nomes são verdadeiros ou se eram usados como estratégia para driblar a atuação policial”, diz. Mas em boa parte dos processos, através da ficha de identificação, fica claro que de fato usavam nomes falsos.

Ao comparar os processos colhidos com a literatura, Silvana Santiago também constatou que o cotidiano dessas mulheres assemblava-se muito ao relato de obras como “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo. “É um ambiente de agitação, repleto de fofocas e brigas com vizinhos. São características deste universo a falta de privacidade e as interferências frequentes na vida alheia”, conta a historiadora. Sua dissertação de mestrado faz parte de um projeto temático, financiado pela Fapesp, com o propósito de investigar a área de maior concentração negra no Rio de Janeiro, nas proximidades do centro e do porto da cidade, denominada “Pequena África”.